

Renegociação da dívida ^{Est} só começa em setembro

ELIANE GAMAL
Especial para O Estado

NOVA YORK — Depois de quase quatro horas reunido com os 14 banqueiros representantes do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse aos jornalistas que apesar de os credores ainda não terem analisado a fundo o novo plano econômico brasileiro, já existe uma certa confiança de que o Brasil está planejando sua economia com seriedade, buscando atingir um crescimento com equilíbrio, ainda que para isso seja necessária uma contribuição dos credores para financiamento de parte desse programa.

A reunião de ontem marcou o reinício das conversações entre o governo brasileiro e os credores. O último encontro entre as duas partes ocorreu no mês de abril, quando o ex-ministro Dilson Funaro e Francisco Gros, então presidente do Banco Central, estiveram nos Estados Unidos e distribuíram aos credores um livreto amarelo explicando as metas econômicas do governo brasileiro.

Por isso, mais do que qualquer coisa, a reunião de ontem foi uma

reaproximação com os bancos privados. Segundo o presidente do Banco Central, nenhuma proposta foi apresentada e o único acerto é de que no início de setembro recomeçam as conversações para renegociar a dívida. Mesmo assim, foi exposto o novo Plano Macroeconômico do governo brasileiro e suas linhas básicas — taxas de crescimento e de investimento e balanço de pagamento — além de como o Brasil pretende reassumir o pagamento do serviço da dívida externa.

Perguntado sobre a possibilidade de o Brasil neste momento vir a fechar um acordo com o Fundo Monetário Internacional, Milliet disse ser possível conseguir um acordo com os bancos privados independente de o País ir ao FMI. "Esta é uma condição que estamos trazendo e procuramos mostrar que mais importante que o Fundo é o nosso esforço para sairmos da moratória. Acredito que qualquer país do mundo, mesmo aqueles com uma economia mais consolidada, teria dificuldades em atingir com máxima precisão as metas que o FMI propõe", afirmou o presidente do Banco Central, acrescentando que os banqueiros já reconhecem que a dívida brasileira terá de ser renegociada em outras bases.